



## **“CORRIGE OS COSTUMES RINDO”: HUMOR, RISO E DECORO NA CIDADE DE FORTALEZA (1850-1900)**

**Marco Aurélio Ferreira da Silva\***  
**Universidade Estadual do Ceará - UECE**  
[marco.siva@uece.br](mailto:marco.siva@uece.br)

**RESUMO:** O presente artigo tem por objeto os hábitos e os costumes de uma sociabilidade mundana que se instalava na cidade de Fortaleza. A estrada escolhida para tal foi a prática cômica (caráter ético-moral) dos pasquins pilhéricos, que apesar de se proporem a promover o lazer, traziam consigo um forte discurso de moralização. Pois sua linguagem humorística, insultuosa e pornográfica foi eficaz por usar de um "cômico de palavras" capaz de gerar uma lógica do prazer que tanto excitava quanto docilizava os corpos. Produzia-se, com isso, um tipo de "humor a favor", o "humor costumbrista" ("humor de costumes"), que buscava por meio do riso corrigir, regular e modelar hábitos. Um riso com a função de correção e de flexibilizar o desvio social.

**PALAVRAS-CHAVE:** sociabilidade - controle - humor – vergonha

## **“CORRECT CUSTOMS BY LAUGHING AT THEM”: HUMOR, LAUGHTER AND DECORUM IN THE CITY OF FORTALEZA (1850-1900)**

**ABSTRACT:** This article aims to work with habits and typical customs from a modern sociability in the city of Fortaleza. The comical practice from satirical newspapers was elected as main core of analysis, especially in their ethical and moral character. Beyond fun promoting, this kind of material had also a strong moral discourse using humor, insults and pornographic language. Choosing carefully the words published, these newspapers were capable to excite and discipline the bodies, while producing patterns of habits, laughter and behaviors. Therefore, the laughter is rather a way to correct conducts and make social rules more flexibles.

**KEYWORDS:** sociability – control – humor – shame.

## **INTRODUÇÃO: CENÁRIO E PERSONAGENS**

---

\* Professor Associado da Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Ceará. Pós-doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Doutorado e Mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Membro do Grupo de Pesquisa em Práticas Urbanas (GEPUR) – CNPq/UECE.

Na segunda metade do século XIX, o Brasil passou por um conjunto de relevantes transformações que mexeram com sua formação histórica tradicional, herdada da colônia. Fenômenos importantes como a transição do trabalho escravo para o trabalho livre (fim do tráfico negreiro em 1850, "Abolição dos Escravos" em 1888 e imigração estrangeira para o Sul do país), a instalação da rede ferroviária iniciada em 1852, a chegada das indústrias, o desenvolvimento de crédito, a instauração do regime republicano etc., estabeleceram modificações na estrutura econômica e social. Tais fenômenos foram levados a efeito por novas forças sociais e novos valores e, ainda, pelas injunções do capitalismo que ora se mundializava.<sup>1</sup>

Tudo isso acabou contribuindo para um relativo desenvolvimento interno e estimulou um processo de urbanização que trouxe consigo a emergência de novos padrões urbanos de sensibilidade e sociabilidade. A exemplo, na década de 1870, as principais cidades brasileiras perdiam muito do seu aspecto colonial e podiam orgulhar-se de seus melhoramentos, fossem nos transportes públicos, na iluminação, no abastecimento de água, na pavimentação das ruas, na construção de mais prédios públicos, no aumento progressivo dos serviços públicos etc., e isso num espaço citadino que passou a aglomerar populações cada vez maiores, atraídas que estavam pela vida urbana.<sup>2</sup>

Nesse mesmo período de efervescentes mudanças, encontramos a capital da província cearense, Fortaleza, não muito distante das transformações operadas nos grandes centros urbanos europeus e até mesmo na capital do Império. Não só a cidade como espaço modificava-se, mas, ainda, as pessoas eram envolvidas e levadas a crer que todo o seu conjunto sócio espacial necessitava mudar.

A partir desse cenário de modificações urbanas e sociais, buscamos compreender os hábitos e os costumes de uma sociabilidade mundana que se instalava na cidade de Fortaleza. Em nossa busca, constatamos que boa parte das evidências de pesquisa<sup>3</sup>, em especial os jornais pilhéricos (Pasquins), ao tratar dessa mundanidade alencarina, trazia consigo um forte apelo de cunho moral, para, assim, impor medidas

---

<sup>1</sup> COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**. 4. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

<sup>2</sup> Ver COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**. 4. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987 e HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

<sup>3</sup> Além das pequenas folhas circulantes (Pasquins), outras fontes nos deram suporte na pesquisa. Foram elas: crônicas históricas (em verso ou prosa), peças de teatro, memórias (biografias), romances literários, Arquivo de Polícia e Anuários Estatísticos.

restritivas às atitudes reprováveis que impediam o pleno desenvolvimento da cidade. Para esta era, pois, indispensável favorecer a realização de seu saneamento moral e higiênico, o que a tornaria mais urbana e civilizada.

Daí, o cômico/riso nos apareceu como arma para controlar e/ou impor costumes civilizados. Esta prática humorística foi continuamente utilizada pelas camadas dominantes<sup>4</sup> e seus associados, como era o caso de muitos intelectuais-redatores de algumas folhas recreativas, que se apropriavam da graça oral, das falas das ruas e as usavam por intermédio de um humor de palavras. Assim, tentavam condenar um comportamento excêntrico, porém não julgado como bastante “grave” ou “perigoso”, para reprimi-los com meios mais violentos. Pois, um “riso de exclusão” poderia, em determinados momentos bastar para manter ou impor a ordem.

Cabe destacar, que boa parte dos proprietários, redatores e colaboradores das pequenas folhas circulantes, senão em sua maioria, eram os jovens que em Fortaleza viveram o clima dos prélios intelectuais e utilizaram o espaço jornalístico para a literatura, para o lazer, para as disputas das ideias etc.. Eles fizeram o órgão de imprensa funcionar como veículo de inserção e intervenção social na realidade que estavam envolvidos. Deste modo, o intelectual artista dava lugar ao intelectual como mentor da sociedade. Imbuído de um sentimento de superioridade, achava-se detentor das luzes e capaz de conduzir os homens ao progresso. A missão era educar. Daí, os jornais amiúde nascerem impulsionados pelo espírito de educar, instruir e influenciar.

A estratégia que utilizariam seria a do artigo leve, ligeiro, satírico e pilhérico, oposto ao artigão de fundo, pesado e noturno. E parte ainda dessa estratégia dos proprietários-redatores foi usar pequenos jornais de “fácil” montagem, com custo menor de impressão e que diziam ter somente o objetivo de servir ao divertimento e ao lazer de seus leitores. Dessa maneira, a forma de ação, nada convencional, impunha sanções por meio do ridículo, da vergonha e da intimidação aos hábitos e costumes considerados ilícitos, viciosos e distantes da civilidade moderna.

Então, vamos conhecer um pouco dessa prática cultural de humor e riso.

---

<sup>4</sup> No aspecto social, seguindo o caminho do desenvolvimento econômico da Província, surgia na capital uma burguesia formada por cearenses e estrangeiros, sobretudo franceses e ingleses, associados ao comércio de exportação/importação, bem como uma mal definida e heterogênea camada média composta de profissionais liberais, trabalhadores do comércio, farmacêuticos (boticários), proprietários de oficinas e armazéns, jornalistas, professores, uma burocracia civil e militar etc..

## HUMOR DE COSTUMES E SEU CARÁTER ÉTICO-MORAL

"*Corrige os costumes rindo*" é a tradução da expressão tomada de empréstimo da divisa latina "*Ridendo castigat mores*"<sup>5</sup>, empregada frequentemente nos frontispícios dos jornais pilhéricos<sup>6</sup>, para o lazer e carnavalescos do século XIX. É o caso da pequena folha "O Patusco"<sup>7</sup>, que circulava na cidade de Fortaleza em 14 de dezembro de 1890 e que, além dessa expressão latina, trazia no alto de sua primeira página, acompanhando o título, a sentença "Jornal Sério-Moleque".

A frase latina, "*Ridendo castigat mores*", apesar das distintas maneiras de sua formulação e das diferentes traduções, demonstra sentidos semelhantes: a punição e a correção pela repreensão ou censura. Ou, ainda, a tentativa de moralizar os costumes pelo humor. É o intento de reformar hábitos considerados desviantes e/ou subversivos da ordem social ou simplesmente ridículos ou irracionais, para os "bons cidadãos" travestidos de críticos e guardiães de costumes. Tais cidadãos "procuravam castigar o que consideravam errado". Era necessário emendar pela advertência.<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> "Em seu levantamento de fontes das citações latinas mais usuais, intitulado *Não perca o seu latim* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980), o professor Paulo Ronái registra *ridendo castigat mores* como de autoria do poeta neolatino Jean de Santeuil (1630-1697), ao propor para dístico de um busto de Arlequim o dito *Castigat ridendo mores*. Ao traduzir a frase por 'Rindo castiga os costumes', o erudito autor romeno-brasileiro passa por alto o sentido original da palavra latina, que antes da idéia de punição privilegiava, com a palavra castigo, o sentido de obtenção da correção de algo errado pela repreensão ou censura. A melhor tradução de *castigat ridendo mores* seria, pois, *corrige os costumes rindo*, ou com o riso (ou ainda 'a rir', como preferem os portugueses e, de fato, tornaria a expressão ainda mais clara e expressiva)". TINHORÃO, José Ramos. **A imprensa carnavalesca no Brasil: Um panorama da linguagem cômica**. São Paulo: Hedra, 2000, p.114.

<sup>6</sup> Os jornais possuíam formato in- 4º, com o número de 4 páginas em regra, tendo preço de venda avulsa de 40 réis, 80, no caso do número de páginas dobrar. Sua venda era feita nas ruas ou eram adquiridos nas tipografias e em lojas de livros indicadas, fosse para a compra de exemplares isolados ou por assinatura. Seus anúncios e publicações particulares eram feitos mediante pagamento e com isenção de responsabilidade dos redatores proprietários. Muito dos jornais circularam por um curto período, em que apenas algumas folhas conseguiam ultrapassar o tempo de um ano. Existiram, ainda, entre os pasquins, aqueles que editaram somente um único número, sendo logo após extintos. Os motivos da extinção variavam: deixavam de circular pela falta de dinheiro que custearia a sua impressão, por sofrerem processos na justiça, por empastelamento a mando das autoridades que se viam prejudicadas com a circulação dos jornais, pelo recrutamento militar obrigatório dos tipógrafos e redatores etc. Apesar de não ser norma privativa sua, identificamos, ainda, como marca da fisionomia pasquineira o emprego de uma linguagem virulenta e injuriosa. A violência da linguagem, a invasão da vida particular e íntima, a difamação, a devassa na conduta das pessoas, o insulto ao inimigo, o humor, a sátira e a pilhéria, o vocabulário pornográfico eram sinais distintivos dessas folhas circulantes.

<sup>7</sup> "Adj. 1. que gosta de patuscadas. 2. Brincalhão, divertido; engraçado. 3. Ridículo, extravagante. S.m. 4. Indivíduo patusco. 5. Pachola. cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

<sup>8</sup> GAMA, Lopes. **O Carapuço**: Crônicas de Costumes. Org. Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. (Retratos do Brasil) e ROQUETTE, J. I. **Código do Bom-Tom**: regras da

Dentre os principais agentes envolvidos na tentativa de fazer valer um projeto moderno e civilizado para Fortaleza, que passava por significativas modificações urbanas com seu aparelhamento técnico e com ordenação de seus espaços, havia a participação de muitos dos proprietários/redatores das folhas pasqueiras. Estes, ao assumirem o papel de “guardiães” da moral e da ordem, precisavam criar um satisfatório estado de convivência social, pautado por hábitos e costumes civilizados. Era necessário introduzir “novas” regras de ação prático-normativa que disciplinassem os contatos e circulação entre os indivíduos, os hábitos (sexuais, alimentares etc.), o lazer e as formas de pensar e agir das populações (em especial os populares). Tratava-se de conseguir tomar medidas com antecipação contra a delinquência, os “desvios” morais, a ociosidade etc. É o que se vê no artigo de apresentação do “A Onça”<sup>9</sup>, que declara o objetivo de reprovar os maus hábitos e costumes, alertando dos deveres em relação às condutas consideradas corretas.

A aurora de hoje surgiu nos apresentando e presenteando com a Onça jornal crítico cuja crítica será decente e moderada.

A sua missão é não envolver-se no lar domestico das familias e muito menos na vida privada de quem quer que seja; o seu fim é somente reprovar os máos habitos e costumes, não os do Antonio Conselheiro; d'este encarregaram-se Laffayette e Celso Junior e outros; chamando porém a rapaziada ao conhecimento dos deveres e ao mesmo tempo raspar de nosso meio antigos preconceitos de certos typos de mania a pirãozada.

As carissimas e sympathicas leitoras provalvemente não se assuntam com o meu apparecimento entre vós como sabeis que...lobo não come lobo...

A rapasiada está sempre prompta e preparada para o que der e vier. A Onça entre elles não lhes cauzarão susto pois são as mesmas onças.

Avante pois, por este mundo d'alem, a dar novas da nossa terra que está sempre do encontro á Canudos esperando a cada momento a quêda do fanatico Antonio Conselheiro e seus aliados, tenho dito...

Precisava-se vigiar, combater e controlar tudo aquilo que fosse considerado nocivo ao bem estar de todo o corpo social. A moda, os passeios, os bailes, as festas espontâneas/particulares e públicas (religiosas e políticas), os hábitos sociais, a irreverência popular e os tipos populares, necessitavam ser duramente vigiados e disciplinados para dar efetiva concretização de uma sociedade rumo à modernidade.

---

civilidade e de bem viver no século XIX. Org. Lilia M. Schwarcz. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997. (Retratos do Brasil)

<sup>9</sup> Divisa: “Orgam Especialmente Critico”. Redatores-gerentes: Eu e Outro. Publicado em 25 de março de 1897.

Aquelas relações afrouxadas, tendo no cotidiano um tempo cíclico e um espaço definidos e regulados pelo sagrado, precisavam ser combatidas, submetidas e modificadas para dar lugar a uma vida do dia-a-dia com elevação de um tempo do repetitivo e do linear. Pois, assim, “neste contexto, na vida cotidiana, com a ascensão do tempo linear repetitivo, base para a produção de bens e da organização social, também seria de se esperar que todas as relações entre as pessoas estivessem imersas no mesmo padrão”.<sup>10</sup> Esta padronização é tentada e/ou intermediada pelas folhas circulantes, que, repetitivamente, através de seus artigos, não se cansavam de trazer à tona uma série de proibições para o indivíduo melhor se portar socialmente.

Então, uma pauta de interdições ou normas de ação e de boa conduta deveria ser seguida por todos os grupos envolvidos num processo de interação social da cidade. Na medida em que os indivíduos vivem um processo de socialização, eles aprendem e incorporam, mas também constroem e (re)elaboram normas de ação para se conduzirem na sociedade. É como se confeccionassem um manual não escrito presente constantemente na consciência cotidiana de cada um, além das normas escritas e “acordadas” por todos para fim de vivência e experiência coletiva.

Era necessário fazer os sujeitos observarem uma pauta de interdições quando agissem, pauta esta que lhes diria o que não é lícito e conseqüentemente o que o é e que lhes diria, também, qual a forma adequada de observá-las.

Algumas destas proibições podem ser aqui reconstituídas<sup>11</sup> a partir das próprias colunas dos jornais. As proibições mais recorrentes e algumas das expressões usadas para desqualificar os atos “indecorosos” dos moradores de Fortaleza, sobre quais se debruçam em comentários e denúncias os redatores, são: A) JOGOS - bicho, jaburu, rifas, toda espécie de roletas, casas de jogo - “Praga do jogo dos bixos”; “malditas rifas, esta sarna de todos os tempos”; B) MERETRÍCIO - cafetinas, prostitutas - “mulheres desfrutáveis”; “as catraias indigestadas”; C) NAMOROS - dos homens e das mulheres casadas, entre um moço e uma mulher mais velha (quarentona), nos fandangos, mulher solteira fazendo buchecha com homem casado, entre moças - “namoros porcos e sujos”;

---

<sup>10</sup> MARTINS, José de Souza. (Org.). **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 20-1.

<sup>11</sup> A reconstituição se deu a partir dos 50 títulos levantados de jornais cearenses, editados nas cidades de Fortaleza no período de 1850 a 1926. As folhas são pertencentes ao Setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Gov. Menezes Pimentel (BPGMP – Ceará) e do Arquivo Público Jordão Emerenciano de Pernambuco – Coleção de Jornais (APEJE).

"afuncamento"; "cebeiros de namoros"; "cínicos namoros"; D) FESTAS - particulares regadas a muita cachaça, festas religiosas (São João, Reis etc.) que se transformam em pândega - "noute da pandega, da folia, da bebedeira, dos compadres e das comadres sem folha corrida!"; E) MAU COMPORTAMENTO NA MISSA - conversar, rir, namorar, cuspir e flatar durante o rito religioso; F) FLATAR NAS NOVENAS; G) MOÇA QUE LEVANTA O VESTIDO PARA MOSTRAR AS PERNAS.

No jornal "O Pagão"<sup>12</sup>, na coluna intitulada "Diz a velha", o colunista, assinando o nome de "chiquinho", utilizava o artifício de falar como se fosse uma senhora de "certa" idade, que demonstrava as diferenças de gerações e de costumes entre as moças de então e a sua experiência de juventude. Com o artigo, podemos visualizar algumas mudanças nos hábitos das moças do período. Na fala da personagem transparece, ainda, uma proibição e uma recorrência ao passado, para aquele presente poder se pautar em regras de alguns hábitos e costumes, que nunca deveriam ter deixado de existir. As normas de ação e do bom comportamento relacionados às meninas pela velha eram de que: meninas brincam somente com meninas e sob o olhar atento dos pais (separação sexual para evitar qualquer possível promiscuidade); deveriam ficar em casa aprendendo ou fazendo atividades domésticas e jamais sair à rua para paquerar ou namorar; em período de "regras" (menstruação) não deveriam se embelezar, conter certos hábitos alimentares ou fazer asseio para higiene corporal (banho só com 8 dias). Vejamos o artigo:

No meu tempo tudo era diferente de hoje!  
As moças tinham outros costumes, como as de hoje não tem.  
Quando eram mininas só brincavão de baixo das vistas dos paes, sem menino macho no meio.  
Hoje é o contrario. As meninas brincam misturadas com os machos em cima das vistas das mães e numa algararra infernal! Quando hiam ficando mocinhas, não fariam mais certas couzas com bem: saltar correr na carreira na areia, botar a lingua de fora e chegar a janella da rua.  
Viviam ocupadas na sua almofadinha. Hoje quando ellas vão ficando moças, vão ficando peiores; não sahem da janella fasendo um tal de "crochete", arranjam logo um "moio"de namorados e passam o dia inteiro mangando de quem passa.  
Namoram com Deus e o mundo e todas as tardes estão na calçada sitando a todos!  
No outro tempo, quando uma moça se punha "moça feita" não fazia certas extravaganças como as de hoje: quando estavam na "regra" não botavão gomma na cara, não penteiavam o cabelo não botavam cheiro

<sup>12</sup> Divisa: "Orgão da Pilhéria e Distracção". Publicado em Fortaleza em 15 de novembro de 1896.

na cabeça, não comiam comer que levasse certos tempeiros, não botavam o maldicto espelho, e só se lavavam de 8 dias completos. Mais hoje mudão de figura Tomão até limonada! Como o tempo está virado... De tudo "si vesse". Chiquinho.

As pequenas folhas, ao virem a público, diziam sair com o fim de divertir a população e, em especial, o "belo sexo" (a mulher). No entanto, na medida em que envolviam seus leitores com curiosas "fofocas" sobre a vida do outro, terminavam por apontar ações que consideravam ilícitas para o decoro da convivência social e que colocavam em risco uma ordem que se estabelecia como moderna e civilizada. Acabavam, ainda, por estimular o olhar do outro e coadjuvante da ação (o leitor) a assumir o papel de quem corrige e/ou restabelece hábitos adequados à ordem de interação social moderna para a cidade. Seja quem escreve ou quem lê, atua como coadjuvante na preservação das relações entre os indivíduos no grupo. Pois, como observam Miagusko e Ferreira:



O papel [das] personagens secundárias é fundamental para o bom andamento da interação. A eles cabe a função de cuidar da melhor maneira de agir e assegurar que as ações 'terminem bem'. Na vida em sociedade, a todo momento somos atores principais e coadjuvantes. Porém, é na segunda situação que temos maior consciência do papel de reguladores das situações, não nos sendo indiferente a quebra do decoro.<sup>13</sup>

Tudo isto nos faz crer, a partir das experiências jornalísticas pesquisadas, numa idêntica postura diante de costumes que precisavam ser interditados e/ou controlados pelos protetores de um comportamento civilizado. Investigar com curiosidade a vida íntima do outro, além de "divertir" ("Matar" a curiosidade ao bisbilhotar o viver alheio; rir da desgraça alheia etc.), funcionava como um mecanismo regulador comportamental.

Era o que fazia o redator do jornal "Charuto" (2 de janeiro de 1898), que assinava a coluna — "A Todo Galope" —, com o pseudônimo de "O Jock". Na coluna, dava conta da vida alheia como se tivesse o direito de expor publicamente as intimidades dos "outros". Leiamos o que ele escreveu:

---

<sup>13</sup> Edson MIAGUSKO e Lúcia M. Puga FERREIRA, *Circunstâncias e Coadjuvantes na Interação Social: O Poder da Vergonha*. In: MARTINS, José de Souza. (Org.). **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 18.



Para podermos apreciar algumas novidades, hontem dia de anno bom, cellamos o cangussú<sup>14</sup> e sacudimo-nos neste oco de mundo.

—  
Estivemos nos fandangos e apreciamos que a casadinha da Rua de S. Thereza, estava afuncada<sup>15</sup>, fazendo bochecha<sup>16</sup> com um imfronhado que era aquella garapa.<sup>17</sup>

(...)

Quando passava-mos pela Rua de Santa Thereza, notamos que a menina do canto da cerca, estava fazendo bochecha com o casado da bodega.

Ela estava recostada a cerca lendo e zoiando para o amante.

—  
Na estrada do matadouro, estavam duas mocinhas, agarradas com dois rapazes, numa safadeza medonha!

Um delles quando presentiu o tropello do novo cangassú, largou a menina e correu para baixo dos cajueiros.

—  
Voltamos e nossa passagem pela rua do Imperador assistimos um duello de puchavantes de cabellos, de duas moças enciumadas.

A verdadeira namorada deu de garra no bixinho da outra, que só faltou arrancar os zois.

Credo.

Desta forma, o jornal trabalhava como um estratégico mecanismo, não só de divulgação de normas de ação, mas também como um elemento para ajudar no alerta (chamar a atenção) e na internalização de um decoro que mediava a construção das relações sociais.

É possível examinar detidamente esta prática corretiva, reguladora e modeladora dos costumes na linguagem humorística e, muitas vezes, insultuosa e pornográfica dos pasquins que circularam em Fortaleza, a partir de meados do século XIX. O cômico/riso assumiu um caráter ético-moral, porque existe no intertexto dos seus artigos o que chamamos de "humor costumbrista" (sic)<sup>18</sup>, que buscava, por meio do

---

<sup>14</sup> Onça de grandes malhas ou pintas. Animal feroz das nossas matas e quebradas de serra. Uso pop. cor. Cf. SERAINE, Florival. **Dicionário de termos populares (registrados no Ceará)**. 2. Ed. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991, p. 85.

<sup>15</sup> Afuncar-se, obstinar-se; obsecar-se; deixar-se absorver; apaixonar-se; interessar-se vivamente. Cf. SERAINE, Florival. **Dicionário de termos populares (registrados no Ceará)**. 2. Ed. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991, p. 20.

<sup>16</sup> Transmite a ideia de logro, blefe e obtenção gratuita, hoje já, muitas vezes, com a aquiescência de outrem. Cf. SERAINE, Florival. **Dicionário de termos populares (registrados no Ceará)**. 2. Ed. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991, p. 60.

<sup>17</sup> Água com açúcar ou mel. Caldo de cana-de-açúcar = coisa reles e mal definida. Cf. GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário popular cearense**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967, p. 134.

<sup>18</sup> GAMA, Lopes. **O Carapuceiro**: Crônicas de Costumes. Org. Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 10.

riso, corrigir, regular e modelar hábitos. O objetivo era que a livre manifestação dos sentimentos e intenções deveriam ser contidas. Era preciso seguir à risca códigos específicos de comportamentos enquadrados nas regras de civilidade.

As regras de sociabilidade "acordadas" pelo grupo social "devem" ser seguidas. As quebras, mesmo que momentâneas da normalidade, são caracterizadas como desvio/vício. E, assim, o riso surge com a função de corrigir e flexibilizar o desvio social. Com o objetivo de correção (Humor de caráter e de marca ético-moral), uma espécie de "trote social":

O riso ocorre no caso para corrigir o desvio e tirar a pessoa do seu sonho. Se é lícito comparar grandes coisas com coisas pequenas, lembraremos aqui o que se passa quando entramos para as escolas. Depois de passar nas terríveis provas de admissão, o candidato tem de submeter-se a outras, que os veteranos lhe preparam para ajustá-lo à nova sociedade e, como costumam dizer, para lhe amaciar o caráter. Toda sociedade pequena que se forma assim no seio da grande é levada, por um vago instinto, a inventar um modo de correção e de amaciamento para a rigidez dos hábitos adquiridos noutros lugares e que será preciso modificar. A sociedade propriamente dita procede exatamente do mesmo modo. Impõe-se que cada um de seus membros fique atento ao que o circunda, se modele pelos circunstâncias, e evite enfim se encerrar em seu caráter como uma torre de marfim. E por isso a sociedade faz pairar sobre cada um, quando não o ameaça de um castigo, pelo menos a perspectiva de uma humilhação que, por ser leve, nem por isso é menos temida. Tal deve ser a função do riso. O riso é verdadeiramente uma espécie de trote social, sempre um tanto humilhante para quem é objeto dele.<sup>19</sup>



Como o objetivo desta forma de comicidade, presente nos pasquins, era a correção e a modelagem de hábitos, precisava-se gerar concomitantemente à prática cômica um sentimento de vergonha e de embaraço, para que o elemento desviante, ao ser constrangido, corrigisse e/ou internalizasse o que esperava e impunha a classe social dominante, que tinha como horizonte uma sociedade mais urbana e moderna.

O conceito de vergonha deve ser entendido como um sentimento associado às ideias de exposição pública por outrem, de juízo negativo e de humilhação.<sup>20</sup> Isso, porque os artigos tinham o intuito de humilhar, rebaixar e inferiorizar publicamente. Pois, com atos de violência, manifestos na forma de uma linguagem insultuosa dos pasquins, a intenção era de rebaixar o outro, objeto das crônicas e matérias jornalísticas.

<sup>19</sup> BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987, p. 72.

<sup>20</sup> LA TAILLE, Yves de. **Vergonha, a ferida moral**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 74.

Era meta colocá-lo numa situação de desconforto. Um certo desconforto decorrente da exposição pública com testemunhas e que estava sob olhares alheios carregados de um juízo negativo ("ele se refere a atos ou situações merecedoras de crítica").

Em sendo alvo (colocado como objeto para outrem), o rebaixado deve aceitar para si a imagem negativa que querem lhe impor. Desta forma, ele se torna suscetível ao juízo de outras pessoas, ao tomar para si um auto juízo, também negativo e associado aos que lhe são críticos e recriminam em suas atitudes comportamentais. O que pode, ainda, influir e/ou determinar seu comportamento em relação ao grupo a que pertence.

Em resumo, é necessário

[...] que duas configurações passionais [estejam] na base do sentimento de vergonha: exposição e inferioridade. A exposição pode ser real ou virtual. Quanto a inferioridade, ela pode advir do simples fato de se estar exposto (o 'grau zero' da vergonha, às vezes chamada de 'embaraço'), do fato de se rebaixar para outrem (humilhação), e, nos casos mais frequentes, do fato de se compartilhar o juízo negativo, real ou virtual, de outrem.<sup>21</sup>

Todos aqueles que, de alguma maneira, inobservaram as formas de comportamentos considerados lícitos de uma sociedade, eram alvos do cômico e seu efeito, o riso. Este riso não era da irreverência, do riso alegre e da zombaria, da forma de subverter o duro cotidiano do trabalho, de criticar uma dada realidade, que não se aceita, criando um oposto de vida; mas do riso provocado pelas condutas impróprias e fora de contexto. Quer dizer, um "riso de exclusão" para manter ou impor a ordem.

Vejamos o que fez o redator "Zé Migué", do jornal "O Charutinho"<sup>22</sup>, em sua coluna "Abram o Olho". Ele denunciou o comportamento excêntrico de uma mocinha que em pleno novenário na Igreja de São Benedito flatou.

Que nas novenas de S. Roque, na Igreja de S. Benedito, uma mocinha deu uma..., que o templo ficou todo defumado.

Muitos dos assistentes já supunham que era o micróbio da peste bubônica.

Quem tem um... como este, manda logo ao desinfectório!

Os redatores "guardiães" classificaram alguns hábitos, gestos e costumes cotidianos, principalmente das camadas populares<sup>23</sup>, como elementos do cômico, cujo efeito foi um riso com a função de intimidar humilhando e, antes de tudo, um castigo.

<sup>21</sup> LA TAILLE, Yves de. **Vergonha, a ferida moral**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 100.

<sup>22</sup> **O Charutinho** – Jornal Amolecado. Fortaleza, 26 agosto 1900, anno1, num. 1.

O riso manifesto a partir das folhas era o de superioridade e de desprezo. Ria-se do que era feio e vil, sendo consideradas feias e vis, todas as posturas e condutas que fugissem à moral civilizacional. Era preciso rir de alguém, quando essa pessoa manifestava um defeito ou uma "marca de vergonha" que a tornava ridícula.

Assim, parece-nos claro, haver um riso mortífero, maldoso e, às vezes, cínico, que a tudo achincalha e mata. Aquele que ri se diverte com a “tragédia” alheia. Pois, como afirma Vladimir Propp: “no riso mau os defeitos, às vezes mesmo só aparentes, imaginados ou inventados, são aumentados, inflados, alimentando assim os sentimentos maldosos, ruins e a maledicência”.<sup>24</sup> O mesmo Propp complementa: “psicologicamente o riso maldoso aproxima-se do cínico. Um e outro originam-se de sentimentos ruins e maldosos, mas sua substância é profundamente diferente. O riso maldoso está ligado a defeitos falsos e o riso cínico prende-se ao prazer pela desgraça alheia”.<sup>25</sup>

Daí, a intenção dos proprietários/redatores, dentro de um debate moral, era de tentar mover ou comover o público a aderir a seu ponto de vista. Precisavam falar e escrever, de modo que as pessoas envolvidas não apenas ficassem convencidas, mas fortemente comovidas. Para isso, uma questão prática irrompia: a da utilização de técnicas de retórica para despertar as emoções profundas e, conseqüentemente, conseguir a adesão do público.

Segundo José Murilo de Carvalho:

...a grande maioria dos principais jornalistas da época sem dúvida tinha conhecimentos de retórica. Certamente este era o caso de todos que tinham estudos superiores e de todos os sacerdotes. Era ainda o caso de todos os que tinham cursado aulas régias. Ficava de fora apenas alguns autodidatas. Estes mesmos poderiam ter acesso a compêndios especiais para os que não quisessem ou pudessem assistir às aulas. Não seria fora de propósito supor que aplicassem em seus jornais as noções de retórica aprendidos nas aulas régias.<sup>26</sup>

Como uma prova demonstrando ser um hábito comum a utilização da retórica em meio aos jornalistas e intelectuais cearenses da época, temos o artigo - "Um

---

<sup>23</sup> Os populares eram chamados muitas vezes de “Arraia Miúda”, “Pés-de-Poeira”, “Chinfrim”, “Canalha” e circularam por suas ruas, becos, vilas, vielas, praças, ou seja, o espaço público. Nesse espaço, esses atores sociais urbanos praticaram atos que muitos dos que viviam a experiência da cidade consideravam atitude moleca e não civilizada.

<sup>24</sup> PROPP, Vladimir. **Comichidade e Riso**. São Paulo: ed. Ática, 1992, p. 159.

<sup>25</sup> Ibid., p. 160.

<sup>26</sup> CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 123-152, 2000, p. 141.

Observação" - que saiu na "Revista A Quinzena", publicada em 30 de março de 1887. A autoria desse artigo é de L. Cabral. Vejamos o que ele nos diz sobre a prática retórica na cidade de Fortaleza a partir de alguns trechos do artigo:

É bem notavel e accentuado o facto de, por toda parte, levantar-se uma intermina reclamação contra isto que todos conhecem sob o nome millenario de - rhetorica. O jornalista, o poeta, o orador, o philosopho, o estadista, o financeiro, mesmo o rhetorico, todos, até o esculptor, se adunão n'uma grita infrene, enorme contra ella.

Terá razão de ser esta terrivel animadversão?...

(...)

Custa nos muito crer... E basta um rapido olhar sobre o movimento litterario contemporaneo para guardarmos a certeza, firmarmos a nossa convicção de que, nunca a rhetorica teve dominio mais dilatado e mais formidavel, uma soberania mais absoluta. Tem invadido tudo, a analyse do sabio, a ode do poeta, as prelecções do jurista e as informações dos ministros.

(...)

Diz se por ahi, n'um fremito de mil emoções boas, que o nosso tempo é o da luz, do progresso, da electricidade, do vapor, da usina, e da nevrose.

Parece-me mais opportuno, mais acertado, dizer que elle é o século da rhetorica, por isto mesmo que é de tudo aquillo.

A rhetorica é a lei da forma, porque a forma é o vehiculo mais viavel da idéa. N'um tempo de labor incessante, da vertigem do movimento, só poderá attrair a attenção publica, preocupada com tantas cousas diversas, aquella idéa que trouxer uma roupagem tão scintillante que os seus tons se destaquem no meio do tumulto.



Com as técnicas de retórica, nossos redatores procuravam aumentar o assentimento dos espíritos às suas teses. Assim, usavam técnicas que manipulavam as figuras e os tropos do discurso, onde se valiam de argumentos adequados e recursos os mais diversos<sup>27</sup> para melhor influir sobre o ânimo do público leitor.<sup>28</sup> Diante disso, recorreram a uma categoria específica do tropos chamada "tropos zombeteiro", cuja finalidade era suscitar o riso, o "riso de exclusão". Porquanto, ...“o fato de o riso exprimir desprezo interessa essencialmente à esfera do discurso público. Como o riso é

<sup>27</sup> Foram muitos os casos em que lançaram mão de uma linguagem vulgar, que não permaneceu confinada somente à oralidade ou à "epistolografia familiar", mas que se fazia necessária para serem compreendidos e, também, para despertar as identidades e provocar paixões nos leitores.

<sup>28</sup> Estejamos informados que "uma das regras básicas da retórica é que quem escreve tem de saber para quem está escrevendo, conhecer o público que compõe seu auditório. A cada público e de cada redator, o estilo correspondente. O orador deve ter do seu auditório uma idéa tanto quanto possível próxima da realidade, uma vez que um erro sobre esse ponto pode ser fatal para efeito que ele quer produzir; é em função do auditório que toda argumentação se deve organizar se esta quiser ser eficaz. A qualidade do auditório determina a argumentação". LUSTOSA, Isabel. **Insultos Impressos: A guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, p. 433-434.

uma manifestação exterior dessas emoções particulares, (...), podemos esperar fazer dele uma arma de potência incomparável para o debate moral e político”.<sup>29</sup>

Daí, concluímos que o humor empregado nos pasquins fortalezenses (intertexto dos artigos/colunas) não foi exclusivamente produzido para divertir os leitores. Mas, que este funcionou como arma de convencimento e conquista do seu público leitor, do seu "auditório", e, ainda, como elemento de ataque aos adversários num debate moral e político.

Com isso, por meio do humor e do riso, buscava-se manter a hierarquia social. Precisava-se demarcar o lugar para cada indivíduo, pois, numa sociedade altamente estratificada, não existia alguém que se pensasse igual a qualquer outro. Todos estavam contidos numa ordem hierárquica, ocupando as posições de estar acima ou abaixo dos outros. Ao se reforçar a hierarquia social, beneficiavam-se todos aqueles que estavam no cume da pirâmide social e política.

Eram esses que se encontravam no topo da pirâmide, os que definiam o feio, o torpe, o vil. Porque, possuidores de determinadas concepções morais e seguindo definidas convenções, moldavam um "padrão" moral e ético de comportamento e de ação. E, então, aquele ou aquilo que escapasse a esse "padrão" hegemônico das relações, podia ser vítima da comicidade.<sup>30</sup> Isto levava aquele que não se enquadrava nessa ética comportamental que se pretendia dominante, à sua imediata associação ao baixo, ao menor, ao defeituoso, sem ordem etc., e, assim, sujeito ao cômico moralizador.

O riso denunciador desses costumes, que representavam quebra da normalidade do processo interativo, trouxe à superfície um sentimento de vergonha manifesto pelo embaraço daqueles envolvidos, direta e indiretamente, em determinada situação social. Porquanto,

quem age de acordo com o decoro age para evitar embaraço (...) A definição da conduta adequada (e também da conduta imprópria) não se dá estritamente por um sistema de regras que podem ser conscientemente apontadas pelos atores. É o embaraço que cada um sente em face de condutas impróprias de terceiros ou de si mesmo que expressa exteriormente a regra interiorizada e é o embaraço que revela

---

<sup>29</sup> SKINNER, Quentin. A arma do Riso. In **Folha de São Paulo**, 04/08/2002.

<sup>30</sup> Definidos então os adversários, era preciso demoli-los através da sátira, da ironia e da descrição das feições físicas. Estas feições físicas podem ser associadas ao grotesco e/ou à animalidade.

à consciência do ator que a conduta está se desenrolando de modo impróprio.<sup>31</sup>

Acrescentemos, também, que, para que uma situação social fique caracterizada como transgressora do decoro, causando vergonha e embaraço, é necessária pelo menos que uma segunda pessoa repare essa infração de conduta, e que ao atentar para a transgressão, se sinta incomodada. É o coadjuvante/circunstante da ação quem julga a conduta do outro, pois atua como depositário das regras normatizadoras. Afirmam Miagusko e Ferreira: “O coadjuvante é tratado aqui como aquele (ou aquela) que se sente responsável pelas regras e sua observância. Por isso, ele se incomoda, envergonha-se, e se embaraça quando outros as transgridem. Ele se sente constrangido porque interiorizou as normas que devem ser seguidas em cada momento”.<sup>32</sup>

O coadjuvante pode ter proximidade (fazer parte do círculo íntimo) ou distância em relação ao ator principal de uma situação interativa, assumindo a figura do "estranho". Sendo este, “alguém que, pela sua presença, numa situação social dada, faz com que as pessoas sejam compelidas a se comportar de maneira decorosa”<sup>33</sup>, ele acaba por provocar o constrangimento.

Quem seriam os "estranhos"? Temos como exemplos os redatores das pequenas folhas, que ao olharem com atenção à vida privada do outro, terminavam por divulgá-la, tornando-a pública. Ou, ainda, aquele vizinho ou o conhecido (amigo/parente) que enviava cartas ou telegramas para a redação dos jornais para serem publicadas, muitas vezes, como matéria paga. Imaginemos quão constrangedor era para os envolvidos diretamente na ação.

As situações de vergonha e embaraço podem ser visualizadas em alguns artigos. No "A Urtiga"<sup>34</sup>, na coluna "Para Todos", vemos que as famílias da Rua Senador Pompeu se sentem constrangidas e envergonhadas, uma vez que não podem sair em suas janelas por causa dos namoros escandalosos de uma viúva com homens

---

<sup>31</sup> MARTINS, José de Souza. (Org.). **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 12-3.

<sup>32</sup> Edson MIAGUSKO e Lúcia M. Puga FERREIRA, Circunstâncias e Coadjuvantes na Interação Social: O Poder da Vergonha. In: MARTINS, José de Souza. (Org.). **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 18-9.

<sup>33</sup> SAMPAIO Lilian Alves e Patrícia Dias de ROSSI, A Condição do Estranho nas Relações Cotidianas. In: MARTINS, José de Souza. (Org.). **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 32.

<sup>34</sup> **A Urtiga – Órgão das Realidades**. Fortaleza, 30.04.1898, anno I, n. 11.

casados. O que de pronto leva alguém, que assina com o pseudônimo de "Guarda" e é morador da própria rua, a escrever para a redação da folha, pedindo que "a sujeita" se moralizasse. Desfecha sua carta em tom de ameaça para a indecorosa da classe da "Conga".

Rua Caipora

Srs. Redactores

A rua do S Pompeu é uma verdadeira rua caipora.

De quando em vez estão os jornaes a denunciar certas pessoinhas boas que faz dó.

O charuto, ha dias, publicou uma noticia de uma viúva que mora no quarteirão do telegrapho; elle sem querer ofendeu ás pobres viuvas, visto a tal sujeita ser de classe da Conga, simplesmente.

Para prova, estão ahi seus nomoros escandalosos com homens casados, á ponto das famílias privarem-se das janellas de suas casas.

Pedimos sr. Redactor para publicar estas linhas, aconselhando a tal pilôta que se moralize mais, do contrário assignará termo.

Guarda.

Os "estranhos" (redatores) exigem que prontamente se observe tais regras, compelindo as pessoas a se comportarem de maneira decorosa. Destacamos, então, que:



Nas situações triviais do dia-a-dia, as regras do decoro nos são lembradas pelas pessoas que estão à nossa volta, o que implica que tais regras não estão ausentes, mas, sim, veladas. As regras do decoro são percebidas apenas quando ocorre a falha na atuação de um ou vários dos envolvidos em uma dada situação de interação, ou seja, quando emerge o constrangimento. Na nossa perspectiva, essas regras, veladas em grande parte das situações, vêm à tona com a simples presença de um estranho, independentemente do local ou da situação. Portanto, esse alguém, que é considerado um estranho em relação a uma ou várias pessoas, constitui-se em regulador do que seria considerado agir de modo apropriado.<sup>35</sup>

Por fim, as pequenas folhas circulantes ajudaram para que este ato de conter os sentimentos fosse absorvido de forma paulatina, tornando-se um hábito compulsivo e internalizado. Lentamente, o que era antes compelido, deveria parecer cada vez mais "natural". O indivíduo passaria a ter o autocontrole de seus atos e, por sua vez, atuando como circunstante de outras ações, a querer controlá-las.

Tomemos, no momento, como complemento das nossas ideias acima, o exemplo de "O Moleque", que trouxe impresso em sua folha primeira o seguinte dizer

---

<sup>35</sup> SAMPAIO Lilian Alves e Patrícia Dias de ROSSI, A Condição do Estranho nas Relações Cotidianas. In: MARTINS, José de Souza. (Org.). **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 34.



cômico: "Publica-se diariamente, quando estiver prompto". Em seu "Expediente" prevenia aos leitores:

Quem não quizer lêr O Moleque, póde chamar o menino que o conduz, pedil-o e restituir logo os 40 réis. Não queremos é molecagem. Compramos o papel fiado, sem termos a minima vontade de pagal-o ao dono. Temos desejos de fazer uma molecagem.

A tinta, a impressão e a vendagem, com certeza é uma de moleque igual ao Bahia.

O moleque dá suas audiências diariamente todos os dias em dias determinados, em sua casa na residencia do Ponciano, na rua do Formiga, visinho ao Cupim, defronte ao Sarasa, perto ao Cosseira.

Quem só tiver indecencias, e queira publical-as, pode contratar o Romão para lêl-as á maré; nunca procure O Moleque para molecagem".<sup>36</sup>

É com este tom jocoso presente no alto de suas primeiras páginas e em suas linhas diárias, que podemos demonstrar através do número 21, de 24 de janeiro de 1891, na coluna intitulada "R. 24 de maio"<sup>37</sup>, como o jornal atacou e da mesma forma, em outros números, o que chamou de "namoros porcos". A intenção era de emendar pela advertência, ao falar dos vários formatos de namoros existentes naquela rua. O redator da coluna acabou por confeccionar no artigo uma tipologia do namoro, enumerando e definindo todos aqueles que se enquadrassem como indecorosos, criminosos e fossem uma afronta para a moral e a virtude da sociedade. Assim escreveu o seu redator:

Andamos no fim d'esta ruasinha, não podemos deixar de ficarmos commovidos de vermos namoros de todas as formas, vimos á pé de galo, (estes são de menos efeitos) namoros á flambeaux, (estes não são safados, não) namoros á minas, (estes são reimosos) namoros á toque de caixa, (estes são perigosos) namoros á infancia, (estes pode-se conter) namoros de fim de anno, (estes são gaiatos) enfim, reina um namoro infernal.

Se chegamos no começo, da mesma rua, (por traz e frentes das padarias,) ficamos até envergonhados de ver tamanha porcaria destes amaveis; si passamos por mais de 1 vez, a qualquer hora do dia, encontramos phantasmas nas janellas, com os rostos queimados do sol como passaros que procuram o calor.

Meu Deus! Será algum castello do Corneville?

Eis as formas dos namoros: - á-pé de galo, é aquelle que é feito sem um dos dois saber, á-flambeaux, são aquelles que se começa hoje e acabão-se amanhã: á-minas são aquelles que vagamente trocam-se beijos: á-toque de caixa, são aquelles que as mães das meninas não querem, e ellas escondidas estão na safadeza; e depois são enxotadas de casa á toque de caixa; á-infancia, são aquelles adquiridos em danças e á fim de anno, são destas velhas gaiteras, que ainda

<sup>36</sup> **O MOLEQUE**, Fortaleza, 10.08.1890, anno I, n. 1.

<sup>37</sup> Refere-se a uma rua da cidade de Fortaleza, que até hoje permanece com este nome.

pretendem casar nem que seja com o diabo. Estão no fim da vida julgam estar no fim do ano.<sup>38</sup>

Partindo do exemplo de "O Moleque", observamos que os pasquins contribuíram na tentativa de contenção dos sentimentos, de determinados hábitos, gestos, sensações etc., daqueles que em suas maneiras cotidianas de ser, isto é, no viver social da cidade, não se enquadravam numa postura de urbanidade e civilizada.

Seguindo este caminho reflexivo sobre a convivência urbana de Fortaleza, isto nos faz atentar que o controle da vida social não se dava somente com a fiscalização por parte do Estado<sup>39</sup>, mas, nesse caso, do próprio cidadão, internalizando regras sociais de conduta ("civildade", "urbanidade" e "etiqueta"). Seria um guardião do decoro, da moralidade, impondo limites entre os comportamentos sociais e secretos. Ou seja, incorporaria o comando do que deveria ser demonstrado ou contido em público, em situações de convívio social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, como vemos, uma das maneiras encontradas para tal intento, foi a utilização dos pasquins e sua marcante linguagem de características cômica, obscena e muitas vezes cheia de insultos verbais. Deste modo, essas pequenas folhas volantes exerceram funções como de um mecanismo adequado não somente para divulgar normas sociais de condutas, mas também como instrumento de alerta (estar vigilante) e de ajuda na internalização de preceitos morais que mediavam as relações do viver social. O que havia por intermédio da linguagem pasquineira, era uma prática discursiva que obedecia ao objetivo de seguir à risca códigos específicos de comportamentos ajustados às regras de civilidade.

O tipo de humor ou prática cômica jornalística foi usado como uma arma para repreender e censurar todos aqueles que de alguma maneira inobservaram as formas

---

<sup>38</sup> **O MOLEQUE**, Fortaleza, 24.01.1891, anno I, n. 21, p. 1-2.

<sup>39</sup> Estado Moderno detentor dos monopólios fiscais e sobre a violência. Este, como uma "associação política" ("associação de dominação"), tem na ameaça e na aplicação da coação física a garantia da sua subsistência e a vigência de suas ordens. No entanto, "é evidente que, para associações políticas, a coação física não constitui o único meio administrativo, tampouco o normal. Na verdade, seus dirigentes servem-se de todos os meios possíveis para alcançar seus fins. Entretanto, a ameaça e, eventualmente, a aplicação desta coação são meio específico e constituem a última ratio sempre que falhem os demais meios". WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 3. ed. Brasília: Ed. UNB, 1994, vol. 1, p. 34.

comportamentais levadas em conta como lícitas da sociedade. Arma de potência incomparável para o debate moral e político, o humor dispensava os meios mais violentos e de coerção física, como o expediente frequentemente empregado pelo aparelho policial. Isto por se estar diante de condutas desviantes, julgadas somente excêntricas e incapazes de abalarem as estruturas da ordem, mas que mereciam cuidados e atenção para não permitirem uma sociedade das aventuras, da ociosidade, do hedonismo e da desordem urbana contrária às regras do trabalho e da disciplina.

Com esse modelo de comicidade, esperava-se trazer à tona o sentimento de vergonha e de embaraço, sentimento este associado às ideias de exposição pública por outrem, de juízo negativo e de humilhação. Isto porque os artigos, apesar de falarem do risível, visavam humilhar, rebaixar e inferiorizar publicamente os considerados delituosos e/ou desregrados sociais. O escopo foi colocá-los numa situação de desconforto decorrente da exposição pública com testemunhas e que estavam sob os olhares alheios carregados de um juízo negativo. Ou seja, era preciso rir de alguém, quando essa pessoa manifestava um defeito ou uma "marca de vergonha" que a tornava ridícula para os princípios morais dominantes.

Esta ação, nada convencional, dos proprietários-redatores que se utilizavam da escrita e do espaço pasquineiro ambicionava mover e/ou comover o público leitor a aderir a seus pontos de vista. Para isso, falavam e escreviam de modo que todas as pessoas envolvidas em suas crônicas e matérias diárias não apenas ficassem convencidas, mas também fortemente comovidas.

Com este objetivo, usaram técnicas que manipulavam as figuras e os tropos do discurso, valendo-se de argumentos adequados e recursos os mais diversos para melhor influir sobre o ânimo do público consumidor e leitor de suas folhas. Diante disso, recorreram a uma categoria particular dos tropos chamada "tropos zombeteiro", cuja finalidade foi suscitar o riso para intimidar humilhando.

Assim, a pasquinagem dos nossos atores históricos emergiu como arma de convencimento e conquista do seu público, do seu "auditório", e, ainda, como elemento de ataque aos adversários numa discussão moral e política.

Diante desta pretensão civilizatória, a linguagem humorística teve acolhida e funcionou como mais um instrumento ativo do poder, em que se tratou de obter o domínio sobre os comportamentos/condutas dos indivíduos; e isto para além das

estratégias formais de poder e de seus maquinismos capazes de manter o disciplinamento social (aparato jurídico-policial).

Como um estratagema, esta linguagem pasquineira foi eficaz por usar de um "cômico de palavras" capaz de gerar uma lógica do prazer que tanto excitava quanto docilizava os corpos. Produzia-se, assim, um tipo de "humor a favor", por cujo intermédio fazia emergir a necessidade de conservar, emendar, repreender e fiscalizar certas atitudes que não deveriam ferir a ordem das relações sociais pretensamente civilizadas.

Em resumo, o "humor costumbrista" buscava por meio do riso corrigir, regular e modelar hábitos. Um riso com a função de correção e de flexibilização do desvio social. Através da prática cômica (caráter ético-moral), se provocava o sentimento de vergonha e de embaraço, para que o elemento desviante (com comportamento não civilizado), ao ser constrangido, consertasse e/ou internalizasse o que esperava e impunha a classe dominante, desejosa que estava de fazer reconhecer como necessária e incontestável a implantação de uma sociedade mais urbana e moderna.

Assim, as folhas pasquineiras e sua linguagem — recheada de pilhéria, ironia, insultos e obscenidades e que se materializou em crônicas, poesias e epigramas jornalísticos — funcionaram como um veículo de inserção e intervenção social na realidade em que estavam envolvidos e, ainda, como um ardiloso mecanismo gerador de uma sociedade civilizada.

**RECEBIDO EM: 30/05/2018**

**PARECER DADO EM: 14/06/2018**